

História de vida de uma mulher negra cientista: as exclusões e inclusões do espaço acadêmico

Vanessa Rocha Justino¹; Alexandre Luiz Polizel²; Gustavo Pricinotto³

Resumo

Tendo em vista que as mulheres negras enfrentam anos de opressão, investigou-se sobre os elementos que provocam a resistência e/ou violência na trajetória dessas mulheres, a fim de compreender como uma mulher é (re)articulada no ambiente acadêmico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. É desta óptica que buscamos registrar e analisar a trajetória formativa de Sonia: mulher negra pesquisadora. Este registro-análise é guiado pela perspectiva teórico-metodológica das heteroautobiografias, que compreende o próprio processo narrativo e interpretativo como indissociáveis, espaço de fala e escuta como já produções analítico-sistemático de sentidos. Diante disso, verificou-se que os elementos que ora fortalecem a possibilidade de ser mulher negra pesquisadora, ora enfraquecem essa possibilidade, já que não se encontram dissociados. Os elementos de exclusões e inclusões rearticulados, fizeram com que ela se tornasse forte e ocupasse o espaço que lhe é excludente, desmitificando assim o mito da meritocracia.

Palavras-chave: mulher negra; exclusões; inclusões.

¹ Licenciada em Química pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campo Mourão. E-mail: wannyed@gmail.com.

² Professor no Departamento Acadêmico de Humanidades da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campo Mourão. Doutorando e Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alexandre_polizel@hotmail.com.

³ Professor no Departamento de Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campo Mourão. Doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: gustavopricinotto@gmail.com.

GT 01 - Amefricanizando o feminismo: mulheres negras saindo da invisibilidade

Life story of a black woman scientist: the exclusions and inclusions of the academic space

Abstract

Bearing in mind that black women face years of oppression, we investigated the elements that provoke resistance and / or violence in the trajectory of these women, in order to understand how a woman is (re) articulated in the academic environment of the Federal Technological University of Paraná. It is from this perspective that we seek to record and analyze Sonia's formative trajectory: black woman researcher. This record-analysis is guided by the theoretical-methodological perspective of heteroautobiographies, which understands the narrative and interpretive process itself as inseparable, a space for speech and listening as already analytical-systematic production of meanings. Therefore, it was found that the elements that sometimes strengthen the possibility of being a black woman researcher, sometimes weaken that possibility, since they are not dissociated. The elements of re-articulated exclusions and inclusions, made it strong and occupied the space that is excluding it, thus demystifying the myth of meritocracy.

Keywords: black woman; exclusions; inclusions.

Introdução

Ao longo dos anos, as mulheres negras brasileiras foram subjugadas e consideradas inferiores em nossa sociedade. Na época da escravidão, eram escravizadas, tratadas como objeto sexual e estupradas pelos brancos, além de toda submissão e sofrimento. Quando libertas, eram submetidas a prostituição, devido a pobreza extrema. “Essa sociedade as levava à prostituição como forma de se libertar, mesmo porque a sociedade senhorial não lhes permitia ter relações afetivas duradouras e raramente formavam organizações familiares” (VARGAS, 2016, p. 9).

Com o decorrer do tempo, os movimentos negros feministas foram conquistando espaço e mais liberdade para as mulheres negras, através de muita luta e resistência. Contudo, até nos dias de hoje não possuímos uma sociedade igualitária, nem em termos de gênero, nem se tratando de raça. As mulheres negras são as que menos ocupam espaços de prestígio, dentre eles, a universidade e a carreira acadêmica. Existem vários fatores que fazem as mulheres negras resistirem nesses

ambientes excludentes, que tanto as violenciam. Abordamos alguns destes fatores no decorrer deste trabalho.

Para evidenciar as diferenças existentes no âmbito da Ciência⁴, na estereotipação entre homens e mulheres, e principalmente, buscando apreciar as possíveis dificuldades encontradas pelas mulheres negras neste meio, se faz necessária a discussão dos Estudos Culturais.

Segundo Nelson, Treichler e Grossberg (1992), os Estudos Culturais utilizam-se de teorias das últimas décadas, desde o marxismo e o feminismo, até a psicanálise, o pós-estruturalismo e o pós-modernismo, e consideram que são um campo abrangente, visto que podem ser interdisciplinares, transdisciplinares ou contra-disciplinares.

O movimento feminista da segunda onda, um movimento social e político que surgiu no final na década de 1960, possuía o intuito de melhorar as condições das mulheres na sociedade e lutar por igualdade entre homens e mulheres (NUCCI, 2015). A partir deste movimento abertamente político, surgiu a teoria dos Estudos Feministas, projeto intelectual e acadêmico (KELLER, 2006).

Apesar de o movimento feminista ter obtido avanços para as mulheres, ainda era excludente se tratando das mulheres negras. As feministas brancas não entendiam que as mulheres negras além de serem oprimidas pelo gênero, também sofriam discriminação racial, e desconsideravam a luta contra o racismo. Por este motivo, o feminismo negro foi se tornando cada vez mais urgente e necessário. Entendemos que é imprescindível a discussão entre as diferenças de gênero e raça, visto que as mulheres negras enfrentam tanto o machismo, quanto o racismo.

Nos dias atuais, a participação das mulheres negras e brancas na Ciência é maior do que nas últimas décadas. Todavia, esse avanço ainda não se iguala à participação dos homens brancos, principalmente quando se trata de pesquisa científica, fato que demonstra que as

⁴ Segundo Bruno Latour (2000), Ciência com inicial em maiúscula e no singular, traz uma peculiaridade da modernidade, em meio a um significado único, dogmático e inquestionável. Mais adiante, mostramos que para além das dicotomias do científico e não científico, utilizamos a Ciência no seu sentido plural, como ciências.

mulheres continuam em busca de igualdade, principalmente as mulheres negras, já que possuem uma menor participação.

As mulheres brancas estão mais inseridas no mercado de trabalho do que as mulheres negras. Silva e Ferreira (2012) apontam que enquanto as mulheres brancas conquistam locais que antes eram exclusivamente dos homens, como no trabalho, na política e em cargos de liderança, as mulheres negras quando inseridas no mercado de trabalho têm de reafirmar sua capacidade profissional, que requer uma força muito maior, sendo que também precisam lidar com preconceitos e discriminação racial no percurso.

Neste sentido, nos indagamos em como essas diferenças de gênero e/ou raça influenciam na trajetória dessas mulheres. Assim, mediante as narrativas de uma professora negra, buscamos compreender como uma mulher é (re)articulada no ambiente acadêmico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e apresentar os elementos de translação que fortalecem e/ou enfraquecem a (r)existência de uma professora negra na UTFPR.

A inserção necessária do feminismo negro na sociedade

Ao desatar com as molduras disciplinares, na sua articulação com potencialidades de perspectivas, que se rompem com as dicotomias modernas, conforme afirma Cevasco (2003), é a partir da pós-modernidade que a cultura surge como diferenciador entre identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais. É neste sentido que os Estudos Culturais pensam uma rearticulação dos conceitos, aproximando-os em suas conexões e alianças.

Um movimento que fortalece e se articula potencialmente junto aos Estudos Culturais, de acordo com Hall (2003), é a intervenção do feminismo, intervenção esta decisiva para os estudos de culturas, pois reorganizou o campo de maneiras bastante concretas.

O campo dos Estudos Feministas surgiu com a urgência de se tratar as questões de gênero como construção social e cultural e também relações entre poder e gênero. A princípio, a pretensão dos Estudos Feministas foi colocar a mulher como sujeito/objeto de estudo, já que

durante a maior parte da produção científica tradicional fora ocultada ou marginalizada (LOURO, 2003).

A partir da publicação do livro *Segundo Sexo* em 1949, da autora Simone de Beauvoir, se intensificaram as críticas à dominação masculina, e a temática mulher passou a ter caráter político (GROSSI, 2004). Após as revoltas de maio de 1968⁵, momento no qual a “questão da mulher” toma um lugar importante no bojo de diferentes disciplinas, os Estudos Feministas se fortaleceram com grande vigor, principalmente nos países do primeiro mundo.

No Brasil, o feminismo se desenvolveu em meio à ditadura militar, nos anos de 1970, com caráter de luta de classe e contra a ditadura. Com um intenso compromisso político, suas participantes – majoritariamente das camadas médias intelectualizadas – tiveram uma forte preocupação com a pesquisa sobre a situação daquilo que se pensava ser “a mulher brasileira” (GROSSI, 2004).

Porém, desde a década de 1970, militantes negras denunciavam a invisibilidade das mulheres negras nas pautas do movimento feminista. As críticas dessas militantes mostraram que o discurso universal é excludente, pois as mulheres são oprimidas de formas diferentes, sendo necessário discutir gênero com recorte de classe e raça (RIBEIRO, 2018).

Buscando questionar o feminismo clássico, o feminismo descolonial propôs dar voz e visibilidade as mulheres afrodescendentes e indígenas, iniciando um trabalho de revisão do papel e da importância na criação e na resistência de suas comunidades (FUNCK, 2014).

A força do feminismo toma potencialidade mundial entre 1960 e 1980, período em que feministas negras começaram a escrever sobre o tema, criando uma literatura feminista negra. No Brasil, se deu início nos anos 1980, quando surgem os primeiros coletivos de mulheres negras. O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, mas uma luta que realiza projetos democráticos (RIBEIRO, 2018).

⁵ A onda de maio de 1968 iniciou com um movimento estudantil na França, seguido pelos sindicatos de trabalhadores e, na sequência, por artistas e intelectuais não apenas da França, mas de muitos outros países.

Davis (2018) considera que o feminismo negro emergiu na necessidade de se discutir raça, gênero e classe, já que não podem ser tratados dissociados, mediante o contexto social. Na época pediam que as mulheres negras escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou o movimento de mulheres num todo. Contudo, a autora destaca que o correto é entender as intersecções e as interconexões que existem entre os dois. Entretanto, não é possível obter êxito nos movimentos antirracistas, enquanto não forem considerados o gênero, a sexualidade e a classe nessas lutas.

Ribeiro (2018, p. 35) menciona que “existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e nos afastam”. O que as feministas brancas devem fazer é reconhecer seus privilégios, considerando que, se mulheres no geral são oprimidas, mulheres negras são em dobro, não somente pelo fato de ser mulher, mas também por sofrerem racismo. Pode não ser nosso local de fala, porém nosso papel como mulheres brancas, além de não reproduzir falas e atitudes racistas, é compreender o que as mulheres negras têm a nos dizer e ensinar, não desmerecendo e deslegitimando sua luta, ser antirracista falar sobre o racismo e sistema racista com outras pessoas brancas, e principalmente apoiar com empatia e sem julgamentos.

Embora nos últimos anos a questão racial no Brasil tenha percorrido por mudanças, resultado dos movimentos sociais, Silva e Ferreira (2012) consideram que ainda falta muito para que a sociedade brasileira entenda que as lutas antirracista e de desigualdade de gênero devem ser consideradas como um todo, e não somente pelos que são diretamente atingidos por essas desigualdades. As mulheres negras são as que mais tem que resistir, já que sofrem com o racismo e o sexismo. A luta tem que ser de todos, somente dessa forma chegaremos mais próximo da igualdade social.

A Ciência é feminina? Quando é, é de mulheres brancas!

A Ciência foi feita por homens brancos ocidentais e de classe dominante, sendo assim, masculina e etilista (LOURO, 2003). As cientistas mulheres, quando comparadas aos homens, possuem

desempenho/ produtividade inferior, tem menor acesso a altos cargos acadêmicos, recebem menos recursos e salários mais baixos (LETA, 2003), principalmente se tratando das ciências exatas, já que nas ciências humanas a predominância é feminina.

Nos últimos anos no Brasil, as mulheres adquiriram uma média de anos de estudo superior à dos homens. Porém, se considerarmos a variável raça, as mulheres negras encontram-se em uma posição inferior às brancas (GÓIS, 2008).

Do mesmo modo que o gênero, a Ciência também é uma construção social e histórica, produto e efeito de relações de poder. Portanto, as construções científicas não são universais e sim locais, contingentes e provisórias (SILVA; RIBEIRO, 2011). Para além dos ramos educacionais, precisamos pensar outras perspectivas, com relação ao mercado de trabalho, uma vez que os negros enfrentam dificuldades muito maiores que os brancos. Dificuldades essas que se acentuam enormemente quando se trata da ocupação de cargos de gerenciamento e chefia (GÓIS, 2008). No caso das mulheres, as brancas ocupam mais esses espaços do que as negras, principalmente se tratando dos cargos de liderança, visto que as mulheres brancas já estão ocupando cargos que eram comumente dos homens brancos, enquanto as negras raramente são vistas nestes espaços. Estas diferenças estão diretamente relacionadas com a discriminação e desigualdade social.

A representatividade das mulheres negras na Ciência é mínima, já que infelizmente as oportunidades não são iguais para todas. Por mais que as mulheres estejam mais inseridas no âmbito acadêmico e no mercado de trabalho, as mulheres negras ainda são as que vivem em situação de maior precariedade nestes espaços (SILVA; FERREIRA, 2012). Neste sentido, abordamos neste trabalho as circunstâncias que podem fazer essas mulheres adentrar nesses espaços, e quando estão inseridas, como se dá o processo de fortalecimento, para que consigam permanecer nesses ambientes excludentes.

Contextualizando nossa pesquisa

A metodologia adotada neste trabalho foi baseada nos estudos realizados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais e Inclusão e Diversidade (NEPECID), da Universidade Tecnológica

Federal do Paraná – campus Campo Mourão.⁶ O instrumento utilizado para a coleta de informações foi um questionário aberto, enviado eletronicamente para a entrevistada, juntamente com o termo de consentimento. O questionário abordou questões relacionadas com a trajetória de vida da entrevistada, incluindo as relações familiares, sociais e profissionais.

Contamos a trajetória da pesquisadora mediante uma leitura heteroautobiográfica, através de sua narrativa de si. As narrativas são construídas pelos sujeitos que se narram e pelos que escutam e os reconhecem (POLIZEL, 2018). Segundo o autor supracitado, a heteroautobiografia constitui de deslocamentos e reconhecimentos, e inspirado pela autora Margareth Rago (2013), o mesmo elucidado:

a) hetero visto que envolve dois corpos diferentes em encontro; b) biográfico visto que um corpo produz narrativas sobre suas experiencialidades, memórias, e relações espaço-temporais; c) autobiográfica visto que aquele que escuta e reconhece o outro, mistura suas experiencialidades ao criar um espaço de escuta e ao produzir registros deste encontro; e d) heteroautobiográfica, visto que as narrativas, as memórias, os reconhecimentos, escutas e registros, produzem enunciados e constituem a existência de ambos (POLIZEL, 2018, p. 389).

Neste sentido, fomos os sujeitos de escuta e deixamos que a pesquisadora se narrasse através de suas memórias e relatos. Através deste trabalho, expressamos nossos apontamentos e impressões.

A entrevistada é uma professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)⁷, que se auto intitula negra. Utilizamos o nome fictício Sonia⁸ para nos referirmos à professora. Sonia é mãe, filha, irmã e esposa. Possui mestrado e doutorado.

⁶ Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo do grupo NEPECID, o qual está atualmente em validade junto a Diretoria de Projetos e Pós-Graduação (DIRPPG) do campus Campo Mourão.

⁷ Ocultaremos o campus em que a professora leciona, para que seja mantido seu anonimato.

⁸ Nome inspirado em Sonia Guimarães, primeira mulher negra brasileira doutora em Física, e primeira mulher negra a lecionar no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

Esta pesquisa foi idealizada através de um encontro do orientador deste projeto com a entrevistada, em um evento da instituição, em que se conheceram e puderam trocar suas impressões e frustrações quanto as desigualdades de nossa sociedade e universidade. Sonia se incomodara com a falta de representatividade negra, não somente na instituição em que leciona, mas em todos os campi da UTFPR. Desta forma, manifestou sua vontade de que fosse realizado um trabalho que pudesse expor a desigualdade nas universidades e se disponibilizou a ser nossa sujeita de pesquisa.

Assim sendo, não demos voz a Sonia, todavia a deixamos falar por si mesma, mesmo sabendo que em um trabalho heteroautobiográfico sempre haverá uma interpretação interessada dos discursos.

Inclusões e exclusões na trajetória da mulher negra pesquisadora

A partir do questionário respondido pela professora Sonia, podemos compreender diversificados mecanismos de interdição dos discursos femininos negros, principalmente no que tange ao processo de identificação e resistência das mesmas. Ao nos aportarmos nestes resultados, posterior ao primeiro momento de observação e análise, apresentamos dois núcleos, não dissociados como discutimos posteriormente, que são eles: mulher negra pesquisadora *x* mulher negra não-pesquisadora.

Na ideia proposta pelos difusionistas, segundo Latour (2000), a modernidade contaria assimetricamente somente a história dos vencedores, subestimando os vencidos. O que propomos fazer de agora em diante neste trabalho, é reconectar estes elementos que ora tornam Sonia pesquisadora, e noutra distanciam-na deste lócus de desejo da mesma.

Este distanciamento, em que ou ela está de um lado ou de outro, é uma tentativa moderna de deslocar os processos de identificação dos sujeitos de sua contingência diante dos processos de produção da identidade. Reconectar estes passos, conexões e alianças entre os diversos atores, sejam eles humanos ou não humanos, torna-se de extrema importância para reativarmos o pulsar de realidade na

produção desta sujeita ao longo de sua formação e resistência. Para além de um processo dicotômico, o que propomos aqui é reconectar movimentos de resistência e violência que constantemente foram lançados diante da professora, para que assim, possamos distanciar a possibilidade de uma meritocracia diante de tantos elementos que muitas vezes são silenciados no processo de identificação destas mulheres negras.

No que tange ao ser mulher negra pesquisadora, Sonia nos traz vários elementos em seu discurso, que abordamos aqui como formas de resistência. Em todo seu percurso pessoal e profissional, Sonia se posiciona como uma mulher forte e resiliente. Lembrando que não possuem elementos mais fortes ou mais fracos que os demais, todos são considerados com a mesma intensidade e conectados entre si.

A infância de Sonia foi humilde e estudou todo o ensino fundamental e médio em escola pública. Em sua trajetória escolar, Sonia era incentivada pelos professores, por ser uma aluna inteligente e que se destacava, por isso, ela não teve “grandes problemas” com os professores. Para eles, o fato dela ser negra e estudiosa, era entendido como exemplo para os demais estudantes. Nos questionamos então, caso Sonia não fosse uma aluna tão esforçada e inteligente, os professores a tratariam da mesma forma, ou a tratariam com descaso? Nos parece que os professores a utilizavam como exemplo por não considerarem “normal” que uma aluna negra fosse inteligente. Sonia desarticulou uma barreira, e fez repensar o preconceito e estereótipo de que negras/os não podem ser inteligentes.

Em meados do século XX, os ideais racistas eram baseados na Ciência, e em nosso país, considerava-se que a raça branca era superior a todas as outras, tese propagada pelo cientista francês Joseph Gobineau (1816-1882), que entendia que os índios, os africanos e os asiáticos deveriam ser dominados pelos brancos, por serem menos inteligentes e menos saudáveis (SILVA; BERNARDES, 2012). Todavia, como aponta Silva e Bernardes (2012), hoje em dia é comprovado cientificamente que todos os seres humanos são semelhantes biologicamente. Assim sendo, não existem diferenças biológicas consideráveis que possam justificar uma categorização racial, mas existindo somente a raça humana, que abrange todas as diversidades fenotípicas (SANTOS, 2005). Contudo, o racismo ainda é perpetuado e muitas vezes legitimado, herança de um

passado escravocrata e colonial, acarretando no fato de os negros em muitas ocasiões ainda serem tratados com inferioridade e desprezo, como se fossem inferiores na inteligência e nas raízes culturais.

Durante a graduação, Sonia diz que foi a época em que não fez diferença e menos importou a cor da sua pele, “[...] lá foi onde eu pude ser eu, apesar de ser a única negra da sala e de ter somente mais 4 alunas numa sala de 30 alunas que vieram de escola pública”. Mesmo em um espaço majoritariamente branco, onde todas as outras pessoas eram brancas, Sonia pôde se fortalecer como mulher, pois o curso de sua formação [...] permite que você use e seja exatamente o que você sonha, lá eu comecei a cuidar de mim realmente”. Assim, a encorajou a permanecer no âmbito acadêmico, se tornando uma mulher negra pesquisadora. Sonia também concluiu o mestrado e doutorado “de forma muito tranquila”, e não sentiu dificuldade para ingressar nos processos seletivos. Porém, foi nesta época que ficou perceptível e incômodo para Sonia a falta de representatividade negra na academia. Para ela “o número de pessoas negras, homens ou mulheres que vão avançando com a educação é mínimo [...]”, em muitos casos Sonia era a única negra do local, atentando-se ao fato de que negras e negros ainda são uma minoria esmagadora nas formações superiores. Esse cenário também é observado em nossa instituição, praticamente não vemos professores negros, inclusive dentre os próprios estudantes, os negros fazem parte da minoria, negros e negras de pele retinta então, praticamente não encontramos.

A maior forma de resistência para Sonia foi o incentivo dos pais, que desde cedo a ensinaram a lidar e enfrentar o racismo. A mãe (branca) não queria que ela e a irmã tivessem o mesmo futuro de dona de casa, então fez o possível para que elas estudassem e nunca desistissem. O pai (negro) a ensinou que “[...] tudo era possível, que se eu queria uma vida melhor eu devia ir atrás, lutar, estudar e batalhar”. A mãe a ensinou a responder as pessoas que a discriminavam de forma firme e direta, para que ela soubesse como se impor e não abaixasse a cabeça para essas pessoas. Os pais também nunca deixaram a estima de Sonia diminuir, pois sempre a fizeram pensar que ela poderia ser o que quisesse. Graças ao apoio dos pais, Sonia foi em busca dos sonhos e teve incentivo para além de entrar na universidade, permanecer e conseguir concluir.

Através do relato tão singelo de Sonia acerca dos pais, percebemos que eles possuem papel fundamental na criação das crianças negras. Os pais de Sonia a ensinaram a se amar acima de qualquer circunstância e do jeito que ela era, a incentivaram em todas as decisões e a aconselhava para que ela soubesse como enfrentar as atitudes racistas dos colegas de escola, e sem dúvida, fazia com que diminuísse um pouco o sofrimento pelas vezes em que a discriminavam. Sonia é extremamente grata aos pais e entendemos o motivo. Muitas vezes os pais de crianças negras não sabem lidar com o sofrimento dos filhos, em algumas famílias quase não se fala sobre o racismo abertamente, e não por culpa dos pais, pois normalmente eles cresceram dessa forma, culturalmente ainda é debatido pouco sobre o racismo nas famílias brasileira. Porém, vemos que com o decorrer do tempo essa situação felizmente vem mudando e, cada vez mais famílias estão ensinando as crianças negras a se amarem, amar os traços negros, amarem o cabelo e mostrando o quanto essas crianças são belas e assim, criando crianças empoderadas. De acordo com Vargas (2018), a concepção da identidade negra se dá por processo histórico e em relação ao outro, visto que cabelo e cor da pele possuem papel essencial na construção da identidade negra, em razão de serem os elementos considerados pela cultura na formação da representação social e da beleza do negro/a na sociedade brasileira.

Elencamos vários elementos que reforçam o ser mulher negra não-pesquisadora em toda a trajetória de Sonia, que trataremos aqui como formas de violência, que a distanciam de ser mulher negra pesquisadora. Em todas as fases de sua vida, ela tem que se provar boa o suficiente para aquele local que ocupa.

A infância na escola foi difícil, pois as crianças eram cruéis, a discriminavam pela cor da pele e principalmente pelo cabelo, a apelidavam com nomes depreciativos, como *“cabelo de bombril”*, *“cabelo de urubu”*. As crianças utilizam esses apelidos, normalmente ensinadas pelos cuidadores, que as ensinam desde cedo que tudo bem ter atitudes preconceituosas. Porém temos que entender que não está tudo bem, o racismo e a discriminação devem ser abolidos. Existe a infeliz ideia que o belo é somente o que vem da branquitude, neste caso o cabelo liso, mas temos que ensinar as nossas crianças, que todos são belos, que o cabelo crespo e cacheado é tão bonito quanto o liso. Sonia cita que

estudou em uma época em que “[...] *bullying não estava na mídia e racismo não era crime [...]*”, a lei que aprovou que o racismo seria crime, veio somente quando estava no ensino médio, o que tornava o ser menina negra em uma sociedade racista ainda mais difícil e doloroso. De acordo com Vargas (2018, p. 47), “cabelo e cor de pele, influenciam na maneira como a negra se vê e como ela é percebida pela outra”. Sendo assim, o tratamento com o cabelo pode vir acompanhado de rejeição ou aceitação.

Entendemos que as crianças que perpetuam atitudes racistas presenciem em algum momento de suas vidas tais atitudes, afinal, crianças não nascem racistas, mas aprendem com os adultos. As crianças reproduzem o que vivenciam em sua convivência. Se a família manifesta o racismo, mesmo que de forma velada, elas entenderão que aquilo é o correto, e os xingamentos racistas são normatizados. Santos (2005) entende a existência da discriminação e do racismo nas escolas como “elementos que influenciam negativamente o processo de formação social da criança, tanto negra, quanto branca, uma vez que a criança negra constrói uma auto concepção de si mesma e a criança branca passa a cristalizar sentimentos de superioridade” (SANTOS, 2005, p. 15-16). Deste modo, compreendemos que tanto a família, como a escola, possui papel fundamental na criação e educação das crianças, já que é nessa fase que ocorre a formação da personalidade.

O fato de ela ser inteligente e “nerd” também dificultava, pois, as crianças brancas não entendiam como uma menina negra poderia ser mais inteligente do que elas. Já as crianças negras a viam como modelo a ser seguido. O termo “nerd” foi utilizado por Sonia por ela amar estudar e ser uma ótima aluna. Geralmente, considera-se que “nerds” são somente homens e meninos brancos, como se as mulheres não pudessem pertencer a este público, principalmente se essas mulheres forem negras e também os homens negros, que normalmente não são consideradas/os “nerds”. Fizemos uma rápida pesquisa no Google imagens, com a expressão “mulher nerd”, e constatamos que 99% das imagens são de mulheres brancas e loiras.

Sonia teve dificuldade para ingressar na universidade, obtendo êxito somente na quarta tentativa no vestibular, salientando-se que na época ainda não existiam cotas sociais e raciais. “[...] *demorei para passar pois no meu primeiro vestibular descobri que tinha muitos conteúdos que estava*

na prova que eu nunca tinha aprendido na escola pública". Então, para conseguir passar no vestibular, fez cursinho particular para aprender o que não tinha estudado na escola. Essa é uma situação enfrentada até nos dias de hoje pelos estudantes da rede estadual, a educação nas escolas públicas normalmente é inferior, pela falta de recursos e a desvalorização dos professores. O acesso dos jovens pertencentes à classe econômica baixa, no ensino superior, é consideravelmente menor que dos jovens de classes média e alta. Quanto mais pobres, menores são as chances de adentrar em uma universidade. E se tratando dos jovens pobres que são negros, as oportunidades são ainda menores, devido a desigualdade de oportunidades. Conforme avança o grau de escolarização, maior essa diferença entre as classes e entre brancos e negros. Desta maneira, as políticas de ações afirmativas e cotas sociais/raciais se fazem necessárias.

Em relação a instituição em que trabalha, Sonia menciona que a atual direção do campus não possui nenhuma mulher em cargos de liderança das diretorias que envolve a graduação, e analisando as demais, possui somente uma diretoria com mulher em cargo de gestora. Sonia assumiu a coordenação de seu curso, e então foi convidada para representar sua área no conselho de graduação em uma reunião na sede da universidade, e o cenário a causou estranheza: a maioria dos integrantes da reunião eram homens, praticamente todos brancos, com idade superior a 40 anos, menos de 20% eram mulheres e ela era a única mulher negra. *"Eu fiquei chocada por perceber que em mais um lugar os negros e as mulheres quase não estão presentes"*. Referente ao corpo docente do campus, Sonia menciona que do quadro total, somente três professores são negros, *"[...] eu, uma outra professora e um professor que tem sua descendência que não é brasileira"*. E complementa que:

Esse cenário mostra para mim que tanto a mulher ou o homem negro ainda não estão presentes de forma significativa dentro das universidades em cargos como no caso o de professor, menos ainda em cargos de gestão.

O relato de Sonia nos expõe a árdua realidade de ser mulher negra, em nosso país, assim como a de homens negros. Olinto (2011), indica que quanto mais elevados e de maior prestígio forem os níveis ocupacionais, maiores são as diferenças salariais entre os gêneros, e se tratando de cor da pele, a diferença aumenta ainda mais. Para que

ocorram mudanças na participação das mulheres nos espaços de poder, Bairros (2019) menciona que é necessário que se façam outras análises sobre desigualdades intragênero, com o intuito de indicar as práticas que colocam empecilhos entre mulheres negras e brancas. Bairros nos expõe uma escala de valorização material e simbólica, “na qual homens brancos se encontram nas melhores posições, seguidos das mulheres brancas e depois dos homens negros” (BAIRROS, 2019, p. 11). As mulheres negras compõem o grupo mais marginalizado e possuem as piores condições de vida, consequência da desigualdade racial presente na sociedade brasileira.

A escolha do curso de Sonia se deu no ensino médio, pois na época abriu o curso na universidade estadual de sua cidade, então seria a oportunidade de ela cursar algo que tinha afinidade. Porém, num primeiro momento, os pais não ficaram felizes com a escolha de Sonia, deduzimos que pelo fato de a profissão ser normatizada pela sociedade como “feminina”, tida como uma profissão inferior e sem prestígio, trazendo a ideia de submissão. Já que Sonia era uma ótima aluna, os pais esperavam que ela fizesse um curso mais reconhecido e de maior prestígio.

Esse fato pode ser explicado por Almeida e Dias (2016): muitas vezes os pais não cursaram o ensino superior, como no caso dos pais de Sonia, deste modo criam expectativas e projetam a realização desse sonho nos filhos. Inclusive, grande parte dos adolescentes se esforçam para passar no vestibular para realizar o sonho dos pais, mas muitas vezes não estão satisfeitos com o curso de escolha. As profissões tradicionais e normalmente idealizadas são Engenharia, Medicina e Direito, pelo fato de os pais considerarem mais respeitáveis e rentáveis.

Entendemos que a família não deve intervir na escolha do adolescente, pois caso o filho opte em seguir a carreira que os pais almejavam para ele, diferentemente da sua primeira opção, podem se tornar adultos frustrados profissionalmente. Os pais podem aconselhar os filhos, porém a decisão final deve ser tomada pelo filho, para que não se decepcione no futuro. Afinal, os pais também têm que respeitar e aceitar as particularidades dos filhos e valorizar a escolha do adolescente.

Rearticulando os elementos, novas possibilidades de (r)existência

Expomos aqui, a sobreposição dos elementos que ora a distanciam, ora a aproximam de ser mulher negra pesquisadora. Entendemos que os elementos que resistem e violenciam a trajetória de Sonia, não podem ser considerados como uma dicotomia, como se de um lado existisse o ser mulher negra pesquisadora, e do outro lado, o ser mulher negra não-pesquisadora, já que ambos coexistem. Ao mesmo tempo em que Sonia resiste em reivindicar espaço em ambientes que comumente não ocuparia, a violência que a atinge a desloca no sentido oposto. Desta forma, os elementos encontram-se entrelaçados e não separados. Para realizarmos essa sobreposição, faremos uma rearticulação entre as camadas, conforme proposto por Latour (2001), visto que os elementos não podem ser tratados distintivamente.

Apresentamos os elementos de translação que fortalecem e/ou enfraquecem a (r)existência de Sonia, motivados por Latour (2001), que utiliza a translação para indicar o deslocamento dos atuantes de um lado para o outro, no qual é constituído um vínculo que até então não se apresentava, com o intuito de combinar os dois fatores em um único propósito composto. Para Latour (2001), a ideia de translação fornece a possibilidade de encontrar-se no meio ao invés de desviar-se, já que ocorre um alinhamento, através da passagem de um registro ao outro.

Consideramos que a primeira camada a realizar sobreposição ocorreu na infância de Sonia, em alguns momentos ela enfrentava atitudes racistas vindas das crianças da escola, ao mesmo tempo que os pais a empoderavam e a faziam se sentir especial. Entendemos que os fatos não podem se tratar dissociados, já que ocorriam de forma articulada, pois enquanto existia os colegas que a discriminavam, os pais a acolhiam e faziam com que ela se sentisse bem e a ajudavam a lidar com a situação. Ainda na infância houve uma rearticulação pelo fato dela ser uma aluna estudiosa e inteligente, visto que as crianças brancas se incomodavam por ela ser mais inteligente que elas, enquanto as crianças negras a admiravam e a viam como modelo. Os professores também foram aliados, pois Sonia era uma ótima aluna.

Por conseguinte, articulam-se a falta de representatividade negra na instituição em que Sonia leciona, já que normalmente ela é uma das únicas pessoas negras presentes no local, e a carreira profissional,

mesmo com todas as dificuldades e tentativas de silenciamento, ela resistiu e fortaleceu-se naquele local. Sonia conquistou o que foi almejado, sendo fortalecida pelos atores, mas ao mesmo tempo, decorriam situações que a deslocavam para outro sentido, o de enfraquecimento. A própria Sonia, em um trecho do questionário, percebe essa articulação, mesmo que inconscientemente, quando menciona o fato de que mesmo ela já sendo professora da UTFPR e mestre, passou por situações de racismo e sexismo. Outro elemento de translação é o fato de Sonia ter assumido a coordenação do seu curso, alcançando um cargo de chefia, porém ela se incomoda com o fato de não ter praticamente nenhuma mulher em cargos de chefia e liderança. Nas diretorias de graduação não possui nenhuma mulher na liderança, e das demais diretorias, somente uma possui uma mulher como gestora. Sonia entende que o local que ocupa não faz parte de uma normatização, já que dia após dia a sociedade tenta silenciar as pessoas negras e distanciá-las dos locais de destaque. O fato de Sonia ter ocupado esse espaço a faz ser parte da “exceção” e não da “regra”. Precisamos questionar as regras que são normatizadas e perpetuam pela sociedade.

Por fim, a sobreposição se deu através dos pais, que foram e são tão importantes para a trajetória de Sonia, que neste trabalho se apresentam como atores potentes no processo de articulação da pesquisadora, pois se articularam e atravessaram o processo de Sonia em suas rearticulações em busca de seus interesses e objetivos.

Mas não nos enganemos que neste processo, os atores citados venham somente como articuladores potentes de uma resistência em ser mulher negra pesquisadora, pois em determinado momento, como evidenciado na fala de Sonia, seus pais a transladaram de seus interesses, ao se posicionarem contrários ao ingresso da pesquisadora no curso desejado, pois esperavam que ela escolhesse um curso de maior prestígio. O curso em que Sonia é formada possui o estereótipo de ser uma profissão feminina, não remunerada nas pretensões dos pais, então entendemos que os eles buscaram rearticula-la em seus objetivos, por talvez assimilarem a ideia de uma submissão da filha diante do seu desejo, já que os pais, e principalmente a mãe, não queriam que Sonia tivesse o mesmo futuro que o dela, de dona de casa, pelo fato de ela ser insatisfeita com essa situação, pois ela acredita que nunca foi devidamente valorizada.

Cada uma das camadas que estão sobrepostas contribuiu para que Sonia pudesse chegar ao local que ocupa, e para que se tornasse mulher negra pesquisadora, e não o contrário. Percebemos assim, que os atuantes influenciam em ambos os percursos, pois não estão dispostos de forma dicotomizada e isolada, mas sempre de modo articulado e interessado.

Consideramos que não existe um ponto de encontro entre os elementos que torne Sonia pesquisadora, pois assim permaneceriam estagnados e considerados como verdades inquestionáveis, e não possibilitaria a transição entre ser mulher negra não-pesquisadora e ser mulher negra pesquisadora. Deste modo, consideramos que os atores são rearticulados após um processo híbrido, ou seja, existe uma conexão entre os atuantes e os atores, que ora a fortalecem, noutra a enfraquecem, no sentido que a relação, e não divisão, entre os elementos a fizeram/fazem resistir como pesquisadora.

Portanto, queremos desmitificar o conceito de meritocracia que tanto é propagado na sociedade brasileira. Muitos consideram que Sonia se tornou pesquisadora em decorrência de tal conceito, desconsiderando todos os fatores que a fizeram resistir, como se ela não tivesse decorrido pelos percalços que a tentaram silenciar, o que desconsideraria totalmente sua trajetória. A meritocracia é um pretexto para a reprodução das desigualdades sociais, utilizada por muitos para perpetuar seu preconceito e discriminação, como se o fato de Sonia ter se tornado pesquisadora tivesse sido somente por ela ser merecedora e não por sua resistência como mulher negra.

Considerações finais

Como sabemos, não vivemos em uma sociedade igualitária, a discriminação social percorre por toda a história da humanidade. Pessoas discriminam as outras pelo simples fato de se sentirem superiores, como se o outro não pudesse conviver com dignidade na sociedade, essas pessoas fazem o possível para excluí-las do convívio, mesmo que inconscientemente. Existem muitas formas de discriminação, porém neste trabalho abordamos com maior profundidade as desigualdades de gênero e raça.

A professora que nos narrou sua trajetória até chegar ao local que hoje ocupa, de ser mulher negra pesquisadora, sofreu por diversas vezes com o preconceito, por causa da cor da pele e cabelo, e por causa do sexismo e machismo, preconceitos que perpetuam através da herança de anos de opressão e submissão, afinal ainda não superamos a escravidão.

Ao presenciarmos atualmente discursos de chefes de Estado que reproduzem discursos racistas e machistas, devemos nos posicionar ao lado daqueles que estão sendo oprimidos, em tempos de escola sem partido, de reforma de matrizes e diretrizes curriculares, de nova Base Nacional Comum Curricular. Devemos partilhar de ideias como de Paulo Freire, que nos fazem questionar de “que lado estamos”, não em um posicionamento binário, mas de sabermos se estamos do lado dos opressores ou dos oprimidos.

Enquanto tivermos uma sociedade racista, a escravidão não será superada, já que o preconceito por causa da cor da pele transpassa por gerações em meio a discursos “enraizados” por processos de higienização e purificação das diferenças raciais presentes na sociedade brasileira.

Referências

- ALMEIDA, Aline Siqueira de; DIAS, Giselle Cristina. A influência da família na escolha profissional do adolescente: Uma revisão integrativa da literatura. *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, jul./set. 2016.
- BAIRROS, Luiza. *A participação das mulheres negras nos espaços de poder*. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/igualdade-racial/a-participacao-das-mulheres-negras-nos-espacos-de-poder>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

- FUNCK, Susana Bornéo. Desafios atuais dos feminismos. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Org.). *Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.
- GÓIS, João Bôsko Hora. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, set./dez. 2008.
- GROSSI, Miriam Pillar. A revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, set./dez. 2004.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. SOKIV, Liv (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, jul./dez. 2006.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000.
- LATOUR, Bruno. *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.
- LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Revista estudos avançados*, v. 17, n. 49, set. 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. *Estudos Culturais: uma introdução*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 1992. Tradução de: Cultural Studies.
- NUCCI, Marina Fisher. Crítica feminista à ciência: das “feministas biólogas” ao caso das “neurofeministas”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2015.
- OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, Brasília, v. 5, n. 1, jul./dez. 2011.

- POLIZEL, Alexandre Luiz. Narrativas gays: tecnologia da normalidade e a violência simbólica. *Colloquium Humanarum*, vol. 15, n. Especial 2, jul./dez. 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SANTOS, Aretusa. *Identidade negra e brincadeira de faz-de-conta: entremeios*. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação: Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.
- SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. *Revista Labrys Estudos Feministas*, n. 10, jul./dez. 2011.
- SILVA, Fernando Rosa da; BERNARDES, Vânia Martins. O ensino da história da África e dos afro-brasileiros: um enfoque sob os livros didáticos do 5º ano. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO, João Gabriel do (Org.). *Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil*. Uberlândia: Editora Gráfica Lops, 2012.
- SILVA, Kelly Cristina Caetano; FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Perspectivas das mulheres negras no mercado de trabalho. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO João Gabriel do (Org.). *Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil*. Uberlândia: Editora Gráfica Lops, 2012.
- VARGAS, Márcia de. *A história das mulheres negras no Brasil, no enfrentamento da discriminação e violência*. Produção didático-pedagógica (Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- VARGAS, Regina Nobre. *Sobre Produção de Mulheres Negras nas Ciências: Uma Proposta para a Implementação da Lei 10.639/03 no Ensino de Química*. Dissertação (Mestrado em Química) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.